

# Sarney pedirá abertura na política de tecnologia

1 JUL 1988 ESTADO DE SAO PAULO

**BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO**

O presidente Sarney prometeu ontem, antes de embarcar para a China — onde assinará diversos acordos, especialmente na área do programa espacial — que vai romper com a hegemonia dos países desenvolvidos em alguns setores tecnológicos. “A aproximação do Brasil com a China e, em seguida, com países do Terceiro Mundo e em desenvolvimento me dará condições para uma política internacional mais aberta”, disse o presidente. A união dos menos desenvolvidos, na visão de Sarney, permitirá ao Brasil romper a hegemonia dos países ricos.

Essa foi a mesma visão que ele disse ter tido na aproximação com os países da América Latina, um objetivo conseguido em primeiro lugar com os acordos de Itaipu, quando o Brasil regularizou suas relações com a Argentina. Mas essa tendência, segundo o presidente, não existe apenas com os países do porte do Brasil: “A Europa, por exemplo, tem-se juntado aos Estados Unidos no projeto Eureka e o Sprits”.

Para Sarney, “o problema é que os países desenvolvidos tecnologicamente não vendem aos menos de-

desenvolvidos, não fazem intercâmbio e cada vez mais são restritivos para que países do nosso porte desenvolvam tecnologia de ponta”. O presidente lembrou que a China domina uma tecnologia de vetores muito importante, “uma área em que o Brasil tem grandes dificuldades, e explicou que, junto com a China, o Brasil vai lançar dois satélites de sensoriamento remoto, um em 1992, na China, e outro em 1994, no Brasil, em Alcântara, no Maranhão.

Também serão assinados acordos na área de transporte, de processos industriais e de energia, para passar para a China o conhecimento sobre grandes usinas, ao mesmo tempo em que o Brasil se informará sobre a experiência de pequenas usinas chinesas, e acordos na área de medicamentos e de endemias, como o controle da malária e da esquistossomose. “A troca na parte científica e tecnológica é o que interessa mais ao Brasil nessa visita à China”, destacou o presidente, acrescentando que o balanço comercial entre os dois países não é o mais importante.

Ao defender a importância da troca de conhecimento científico, Sarney disse que a ciência não pode ser encarada como um bem econômico e criticou os países altamente desenvolvidos por procurarem

transformar as descobertas científicas em bens econômicos, “como se fossem negociações entre empresas privadas, e não conquistas colocadas a serviço do homem”.

O presidente aproveitou a entrevista para criticar a Constituinte, dizendo que essa sua viagem já havia sido programada há bastante tempo, “mas teve de ser adlada em face da conjuntura interna, por não termos terminado os trabalhos da Constituinte”.

Foi muito concorrido o embarque do presidente Sarney, ontem, na Base Aérea de Brasília, às 14h30. Cerca de cem pessoas, entre políticos, auxiliares do Palácio do Planalto e ministros de Estado e tribunais se acotovelhavam na área reservada para os cumprimentos. Contando titulares, interinos e os seis que embarcariam com Sarney, havia mais de 20 ministros na cerimônia em que o presidente, com um aperto de mão e um ligeiro abraço, passou o cargo, mais uma vez, para Ulysses Guimarães. Além do Boeing presidencial, com 60 lugares, um avião reserva decolou logo depois, mas o Planalto manteve total sigilo sobre o número de pessoas que viajaram para a China, divulgando apenas a comitiva oficial, formada por 27 pessoas.